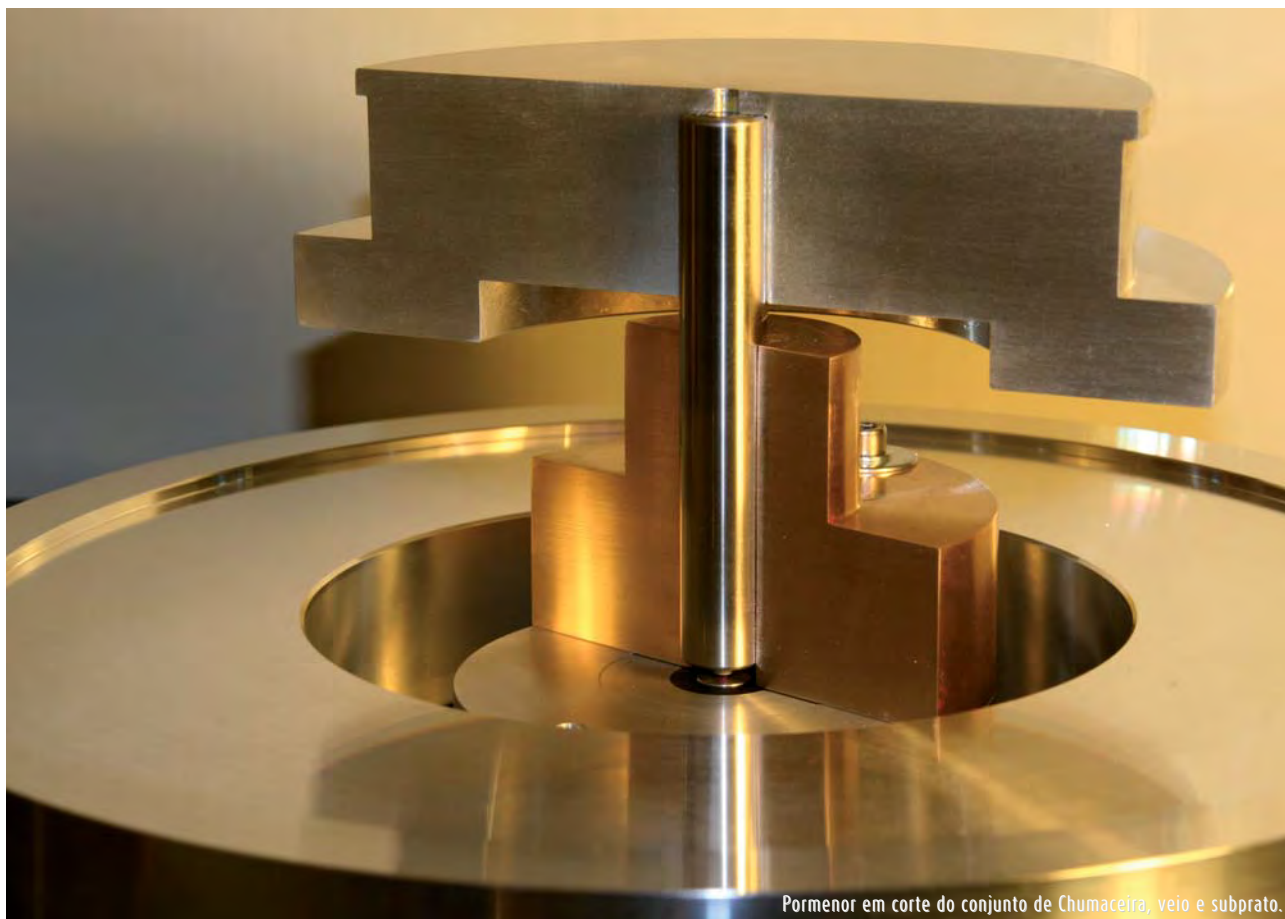


Rui Borges Uno

O artesão do som.



Pormenor em corte do conjunto de Chumaceira, veio e subprato.

Em 1983 um formato revolucionário chamado Compact Disc acabara de aparecer e prometia o paraíso na terra, ou mais propriamente «o som perfeito para sempre». Para um audiófilo iniciado com apenas 17 anos de idade essa promessa era quase o atingir do Graal sónico e o fim dos pesadelos associados à reprodução de música com os velhos discos de vinilo, nomeadamente a estática, os empenos, os riscos e o constante «fritar» que tornavam a audição de peças clássicas uma tarefa tantas vezes frustrante. Não admira, assim, que tenha adoptado o novo formato digital como solução universal, ao ponto de me ter desfeito da quase totalidade da minha colecção de algumas dezenas de LP's, acto do qual me vim a arrepender anos mais tarde. Não tenho a certeza mas terá sido já no fim da década de 1980 que tive a oportunidade de ouvir pela primeira vez o que um bom gira-discos podia fazer pela reprodução de música gravada e constatar o enorme fosso que separava o Thorens TD-166 (*what else?*) do gira-discos de origem Dual que equipava o meu primeiro sistema de som compacto. E aí arrependi-me de ter oferecido os LP's que possuía, contudo, já com o formato CD firmemente adoptado dei o assunto como arrumado e o vinilo foi desde então mais uma curiosidade e um modo de matar saudades do que uma fonte de áudio para levar muito a sério. Durante quase 20 anos não existiu gira-discos no meu sistema de som, até que há pouco tempo tive a oportunidade de adquirir a um amigo um exemplar em segunda mão de um gira-discos Michell Gyrodec original, um clássico que me atraiu pelo *design* singular, sem descurar uma performance ainda perfeitamente respeitável pelos padrões actuais. A minha colecção de discos de vinilo também cresceu, levado pelo impulso saudosista, e conta agora com cerca de uma centena de exemplares.

Introdução

Conheço o Rui Borges há mais de 20 anos, desde os tempos da loja Digisom na Rua das Portas de Sto. Antão, em Lisboa, e desde sempre tive uma grande admiração e respeito pela pessoa, mas também pela obra que pude ir acompanhando ao longo do tempo. Desde o primeiro exemplar do gira-discos RSB Reference, até às várias iterações deste primeiro modelo, passando pelos espantosos restauros de modelos Vintage que pude apreciar na Delmax, sempre me pareceu haver ali não apenas uma mão de genial artesão mas também de alguém que sabe o que faz e coloca uma verdadeira paixão no processo de fabrico dos seus produtos, o que acaba por se reflectir no retorno musical com que estes nos brindam.

Quando surgiu a oportunidade de testar a nova coqueluche do Rui Borges, que dá pelo singelo nome de Uno, confesso que fiquei surpreendido pela coragem do Rui em entregar a este vosso escriba o trabalho de se pronunciar sobre a sua mais recente criação, e digo isto porque o Rui sabe muito bem que eu sou um adepto do CD e que vejo o vinilo quase como um *fait divers* do áudio. Como já disse, o Uno é a mais recente produção do Rui e é também o modelo que mais facilmente poderá ser adquirido. Ao contrário dos elaboradíssimos modelos anteriores, o Uno apresenta-se com uma concepção mais simples, principalmente no que se refere ao chassi, já que a elaborada base mecânica permanece quase inalterada. Para este modelo o Rui pôde também contar com um fornecedor exterior que lhe entrega as peças de alumínio já maquinadas, o que representa uma poupança de tempo substancial, uma vez que, chegadas as peças, o Rui apenas tem de efectuar trabalho de torno para lhes conferir a precisão micrométrica que é exigida. Há que referir que a utilização de peças mecânicas comuns permite que o Uno evolua para os chassis dos modelos Primo ou Ultimo quando o utilizador assim o entender.

O Uno existe em três versões distintas, conforme o braço e a célula aplicadas. A versão base denominada Uno One vem equipada com um braço Goldenote B5 – www.goldenote.it – e uma célula Goldenote Boboli MC de alto ganho. Segue-se o Uno Signature, equipado com braço Goldenote B7 e célula Goldenote Boboli Signature e, por fim, o Uno Prestige, que mantém a



Fonte de alimentação do Uno.



RB Uno com braço Goldenote.



Uno Prestige com braço Reed.



A Célula Goldennote Boboli Signature.

célula Boboli Signature mas instalada num bellissimo braço Reed 2 A/P –www.turntables.it. Tanto a Goldennote como a Reed são representadas no nosso país pela Zenaudio, que celebrou um acordo com o Rui Borges para o fornecimento dos braços e células para o gira-discos Uno.

A fonte de alimentação funciona a baterias, permitindo assim um fornecimento contínuo e livre dos efeitos de flutuação da corrente de sector. Dispõe de um comutador On/Off, selector de velocidade 33 1/3 e 45 rpm, bem como regulação independente e extremamente precisa do *pitch*, implementada por via de um potenciômetro de 20 voltas. O bloco do motor não possui qualquer contacto físico com o chassis, à excepção da correia de transmissão como é óbvio, evitando desta forma a transmissão de vibrações.

Audições

O Rui Borges Turntables Uno, na versão Prestige, foi instalado no meu sistema pelo próprio Rui, que me disponibilizou ainda uma fantástica unidade de *phono* ASR Basis Exclusive, que funcionou em alternância com a minha residente Plinius Model 14, e ainda uma base para discos da Boston Audio, fabricada em grafite pura. Ambas as unidades foram ligadas em modo balanceado com cabos Cardas Crosslink. O resto do sistema foi o habitual, que contempla o conjunto pré/*power* Mark Levinson 3265/432 e as colunas Sonus Faber Guarneri Memento, com cablagem Nordost Frey balanceada na interligação e Red Down Rev.II nas colunas.

Como termo de comparação apenas pude contar com o meu próprio Gyrodec, bem como com a memória relativamente recente de um Thorens TD-850, de modo que não foi difícil constatar a óbvia superioridade do Uno Prestige. Uma característica que se destaca de imediato tem a ver com a segurança e incrível solidez da apresentação musical, que se traduz numa sonoridade de enorme escala e volumetria, na qual os intervenientes do processo musical coabitam sem quaisquer atropelos, antes contribuindo cada um para o resultado de todos de um modo tão natural, orgânico e credível que damos por nós a esquecer o facto de estarmos a ouvir música gravada e a dedicar-nos simplesmente à fruição da música que está a ser criada diante dos nossos olhos/ouvidos. Esta característica, que é talvez o maior trunfo do vinilo face à limpeza asséptica do digital, é a responsável pela contínua conquista de adeptos para o vinilo, que reconhecem no formato uma intrínseca musicalidade que a alegada perfeição do digital não consegue transmitir ou só muito raramente o faz.

Muitos foram os discos escutados, sendo a lista apresentada referente apenas àqueles que, salvo indicação em contrário, ouvi na íntegra. Contudo, muitos outros LP's passaram pelo Uno apenas para audição de uma ou duas faixas, muitos dos quais possuo também em CD, o que serviu de bitola de comparação.

Dissecando agora um pouco a apresentação sonora do Uno, esta caracteriza-se por um

grave intenso, extremamente sólido e com um nível de detalhe e articulação notáveis, o que propicia uma fácil destriça entre os elementos que constituem as fundações da música, seja o ritmo marcado por um contrabaixo ou a batida do pedal da bateria, ou ainda a fluidez *cantabile* dos naipes de violoncelos e contrabaixos que sustentam o edifício sinfónico na música de Bruckner. Da segurança que o Uno é capaz de imprimir à reprodução musical resulta que em disco algum ficamos com a sensação de haver uma descoordenação tímbrica ou temporal. O grave, mesmo nas notas mais profundas do contrabaixo ou nas passagens mais dinâmicas e intensas da bateria, nunca sugere indícios de arrastamento ou lentidão, ainda que o Uno não seja o mais rápido ou incisivo dos giradiscos, demonstrando antes um equilíbrio muito correcto em todos os naipes.

A gama média é aberta, limpa, quase melíflua, e denota excelentes características dinâmicas, sendo de destacar o carácter melodioso que imprime à reprodução musical em geral e às vozes em particular, seja num plano mais clássico, como em *O Messias* de Handel, em que os solistas e o coro soam de um modo totalmente credível e envoltos por uma atmosfera ampla e reverberante, seja com os ritmos mais jazzísticos da Carol Kidd ou com o *rock* dos Pink Floyd, Dire Straits ou Barclay James Harvest. A desenvoltura dinâmica da gama média funciona quase como um elo de ligação entre os registos graves e o registo agudo, assegurando a coerência temporal da reprodução musical como um todo e a assinatura tímbrica dos instrumentos que se mantém coesa independentemente de estarem a tocar na gama natural, ou nos extremos do respectivo espectro de frequências.

O palco sonoro é expansivo e tridimensional, não apenas no sentido da profundidade, mas também em largura e altura, e parece ser sempre capaz de acomodar o evento musical sem quaisquer constrangimentos, independentemente das dimensões serem as de uma orquestra sinfónica ou se limitarem a um quarteto de jazz. Esta característica contribui também para tornar verosímil e natural a reprodução do evento musical.

O registo agudo é extenso, límpido e finamente recortado, e surge sempre solto e sem quaisquer sinais de aspereza, sibilâncias ou agressividade. Pelo menos com o

conjunto braço/célula utilizado, e por comparação com a minha Benz Micro Glider, que por sinal é também uma célula MC de ganho médio/elevado, o som das escovas que percutem os pratos da bateria surgiu mais recortado e com um superior nível de clareza e detalhe. Também as vozes denotam um superior controlo no extremo agudo, evitando muito bem uma tendência para a estridência que pode ocorrer nas notas mais altas e a volumes de audição mais elevados. Por outro lado, os metais soam abertos, francos e metálicos como a sua natureza obriga, conferindo uma sonoridade espectacular e entusiasmante, por exemplo em *Breakfast in America* dos Supertramp, ou no tema instrumental *The Lake*, incluído no álbum *Discovery* do Mike Oldfield.

Conclusão

Com um ciclo de produção optimizado, que permite fornecer o produto ao cliente em pouco tempo, o novo Uno do Rui Borges é um gira-discos que irá dar muito que falar, não apenas no mercado nacional, onde o autor já tem fama conquistada, mas também além fronteiras, estando precisamente neste momento em fase de implementação um distribuidor no mais importante mercado europeu do vinilo, o alemão.

Ouvir um disco bem gravado no Uno Prestige é muito mais do que um acto de saudosismo. A qualidade musical com que nos envolve, a capacidade que demonstrou para nos fazer sentir parte da música são algo que está muito para além do formato, uma experiência que só as melhores fontes, sejam elas digitais ou analógicas, podem proporcionar. Se considerarmos o preço a que o Uno é vendido, constata-se facilmente que não tem grande concorrência, já que aqueles que lhe podem fazer frente estão num patamar de preços bem mais elevado. Foi com um nó na garganta que o vi sair porta fora, de tal modo que não sei se o meu residente Michell conseguirá resistir muito tempo ao apelo do Rui Borges Turntables Uno. Um produto de excepção para uma performance musical igualmente excepcional e que me deixou arrebatado.

Características técnicas UNO

- Chassis laminado de MDF
- Suspensão semi-rígida por elastómeros
- *Arbord* em acrílico de 20 mm apoiado em alumínio
- Chumaceira integral em bronze de alta qualidade e base em alumínio maciço com ponto de apoio em material



Veio do gira discos com um Rubi no ponto de apoio.

- extraduro e duplo desacoplamento.
 - Subprato em alumínio maciço maquinado (não fundido), com veio de aço inox temperado com rubi incrustado no ponto de apoio
 - Prato em alumínio de alta densidade maquinado (não fundido), diâmetro 305 mm
 - Segundo prato em acrílico, com *spindle* desacoplado do subprato
 - Bloco do motor em alumínio
 - Motor DC com poli +/- 0,01 mm
 - Alimentação a bateria separada, providenciando alta estabilidade de rotação 33 1/3 e 45 rpm, com ajuste fino independente de *pitch* por potenciómetro de 20 voltas.
 - *Wow and flutter* incondicionalmente estável
 - Transmissão por correia
 - Todas as peças são maquinadas (não fundidas)
 - Peso do prato: aprox. 7 kg
 - Dimensões: 53 x 15 x 39,5 cm (LxAxP)
 - Peso total: 30 kg aprox.
 - Acabamento: preto lacado piano e preto lacado mate.
- Preços – Rui Borges Turntables Uno**
Versão Uno One: 0 €
Versão Uno Signature: 0 €
Versão Uno Prestige: 0 €
Representante: Rui Borges Turntables
Telefone: 214 927 456; 919 260 242
Web: www.ruiborgesturntables.com

COMPOSITOR / OBRA	INTÉRPRETES	EDITORA
Anton Bruckner Sinfonia n.º 9	Orquestra Filarmónica de Berlim Herbert von Karajan	D.G.
G. F. Handel O Messias	Arleen Auger, Anne Sofie von Otter, Michael Chance, Howard Crook, John Tomlinson The English Concert & Choir Trevor Pinnok	ARCHIV PRODUKTION
Michel Camilo	Michel Camilo	CBS RECORDS
The Dave Brubeck Quartet The Last Set at Newport	The Dave Brubeck Quartet Gerry Mulligan	ATLANTIC
Michael Garson Serendipity	Michael Garson, Stanley Clarke, Gary Herbig, Jim Lacefield, Billy Mintz, Peter Spargue, Jim Walker	REFERENCE RECORDINGS
Carol Kidd All My Tomorrows	Carol Kidd	LINN RECORDS
Cannonball Adderley Quintet Cannonball's Shapshooters	Cannonball Adderley Quintet	JAZZ WAX RECORDS
Sonny Rollins Saxophone Colossus	Sonny Rollins; Tommy Flanagan Doug Watkins; Max Roach	OJC
Pink Floyd The Final Cut	Pink Floyd	CBS SONY
Supertramp - Breakfast in America - The Logical Song - Goodbye Stranger	Supertramp	A&M RECORDS
Dire Straits Brothers in Arms	Dire Straits	VERTIGO
Mike Oldfield Discovery	Mike Oldfield	VIRGIN RECORDS
Barclay James Harvest Turn of the Tide - Waiting on the Border Line - How Do You Feel Now? - Life Is for Living	Barclay James Harvest	POLYDOR